

Teórico, Ensaísta ou Rebelde: A Importância de Manoel Bomfim para a Historiografia Brasileira.

LUIZ CARLOS BENTO*

Este artigo é uma reflexão parcial de uma pesquisa que encontra-se em andamento e objetiva apresentar um quadro esquemático da reflexão historiográfica de Manoel Bomfim, buscando refletir sobre a importância do pensamento sócio-histórico deste autor para a historiografia brasileira. Defendendo dentro dos limites de uma reflexão acadêmica a especificidade da obra deste intelectual ímpar na história do pensamento social brasileiro. Em linhas gerais, os elementos que pretendemos problematizar, são as condições históricas que possibilitaram a elaboração de suas obras, que inegavelmente colocaram em outros termos a discussão sobre o passado brasileiro, apresentando uma visão alternativa e inovadora para a compreensão das mazelas sociais deste país, indicando a necessidade de se buscar compreender os males herdados por nossa formação colonial.

Enquanto a maioria dos intelectuais se pautavam em discussões elitistas, não demonstrando a mínima preocupação com os problemas do povo brasileiro, Bomfim foi um dos primeiros intelectuais que realizou uma leitura crítica e revolucionária da sociedade brasileira. Diagnosticando os problemas do Brasil e defendendo abertamente o povo, a educação popular e a liberdade. Diante disso podemos constatar que a sociedade brasileira produz uma bipolaridade de intelectuais, veja o que o autor Aluizio Alves Filho nos diz a esse respeito.

A sociedade cria dois tipos de intelectuais: os que se colocam a serviço do combate dos privilégios de minorias e os que, consciente ou inconscientemente, capitulam perante objetivos antipovo e antinacionais. Manoel Bomfim sempre esteve no primeiro grupo. (FILHO, 2008, p. 79).

Segundo Aluizio Alves Filho, Bomfim tinha um perfil intelectual bastante distinto da maioria dos intelectuais da época, pois enquanto a maioria dos intelectuais

* Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás

procurava justificar e manter os interesses dominantes, Bomfim sempre criticou a ordem vigente, demonstrando os erros e as limitações de um discurso dominante. Desta forma ele se mostrou um intelectual com grande capacidade alternativa, trazendo propostas que clamavam por mudanças, e que conseqüentemente defendia melhores condições de vida para sociedade em geral.

Pensar a obra bomfiniana é antes de tudo uma reflexão sobre uma forma de interpretar o Brasil que ficou esquecida, pois foi voz vencida pelo movimento historiográfico, bem como, pelas vicissitudes políticas dos anos 30. A voz deste “rebelde esquecido”, mesmo enfraquecida chegou até nós por meio de varias reverberações, e em uma contemporaneidade profundamente marcada pela corrupção política, pela descrença generalizada em varias instituições e por inúmeras mazelas mal resolvidas no plano social, o conteúdo das reflexões do intelectual sergipano torna-se atual e necessário, enquanto instrumento de análise para pensarmos o processo político, bem como as relações entre estado e sociedade no país.

Compreender a realidade que nos cerca, bem como o contexto histórico em que estamos inseridos, não é algo fácil, principalmente quando se pretende escrever ou analisar “sobre os mesmo”. Deve se fazer como afirma Gadamer um exercício hermenêutico, ou seja, buscar a apreensão dos sentidos para podermos entender melhor o mundo em que estamos inseridos, ou a realidade histórica que pretendemos pesquisar. “Em todo caso, porém compreensão é apreensão de sentido, e sentido é o que se apresenta à compreensão como conteúdo” (CORETH, 1919 p 52).

Em princípios do século XX aparecerá este pensador que através de seus escritos irá produzir uma contracorrente na historiografia brasileira, Manoel Bomfim criará um pensamento sócio-histórico, analisando questões que passaram despercebidas por outros intelectuais de sua época, valorizando como fundamentais alguns acontecimentos que na historiografia corrente tinha relevância secundária, propondo uma re-leitura da realidade histórica do Brasil. Assim ele inaugurou uma História problema.

Bomfim foi de certa forma um hermeneuta que durante sua vida procurou incessantemente realizar a apreensão do sentido para compreender a realidade histórica e social do seu país. As referências que faremos no decorrer deste artigo são das obras; *América Latina Males de Origem* (1905) *O Brasil na América* (1928) *O Brazil na História* (1929) e *Brasil Nação* (1932). A utilização mesmo que de forma superficial de

suas principais obras sobre a história do Brasil é importante para que possamos desenvolver uma visão abrangente em relação à interpretação bomfiniana da história dos povos neo-ibéricos. Ao longo desta última década, iniciou-se certa polêmica entre os interpretes do intelectual sergipano sobre uma possível mudança de véis interpretativo presente na obra *América Latina Males de Origem* (1905) e as obras historiográficas que compõe a trilogia de sua maturidade.

Neste debate, muito embora, tenhamos que reconhecer a originalidade da análise e das críticas de José Carlos Reis¹ em relação à linguagem ao método e própria trajetória intelectual de Manoel Bomfim, vejo-me mais tentado a endossar o que disse Ronaldo Conde Aguiar e o próprio Bomfim na primeira obra de sua trilogia sobre a formação histórica brasileira, de que se trata de uma continuidade em relação a sua perspectiva interpretativa que busca apenas aprofundar a sua leitura da formação da realidade da soberania brasileira

Quanto ao primeiro livro o intelectual sergipano queria desconstruir o racismo científico que os europeus tinham em relação aos povos americanos. Os teóricos e publicistas europeus pretensamente apoiados no cientificismo naturalista evolucionista de Darwin classificavam os povos da América do Sul de atrasados e inferiores, definindo-os como uma gente selvagem e incapaz de se autogovernar. Inconformado com esta situação, Bomfim dirá que os males de origem não vinham do povo, mais sim do parasitismo colonial exercido pelas elites.

Na colônia, só o cativo trabalhava; todo mundo explorava e oprimia; a produção dependia, apenas, do numero de cativos e da cruza dos açoites; o processo foi condenado por inútil, a inteligência pesquisada como perigosa. O colono sobre o cativo, o fisco sobre o colono, o absolutismo e o arcaísmo religioso sobre todos afundavam demais em mais, esta sociedade na miséria, do processo dos ibéricos e sim pautado num conservadorismo acabaram por solapar as reais situações de desenvolvimento da América do sul achando-os de atrasados e inferiores (BOMFIM, 1905, p 394).

Manoel Bomfim queria desmistificar estas teorias e propõe como solução para a América do Sul à educação crítica e consciente que poderia fazer com que os indivíduos desenvolvessem condições de se auto-afirmar, tornando-se sujeitos ativos de sua própria história.

¹José Carlos Reis elabora uma interpretação interessantíssima da obra de Manoel Bomfim, mas defende algumas teses em relação ao intelectual sergipano que são no mínimo polêmicas. Sobre este assunto ver REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2:** de Calmon a Bomfim. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006

O processo há de ser da própria sociedade, no seu todo; e isto; só se obtém pela educação e cultura de cada elemento social. Não se eleva o meio sem melhora aos indivíduos; não há processo para quem seja incapaz de compreendê-los e desejá-lo prevê-lo e buscá-lo. (BOMFIM, 1905 p 351).

Diante desta análise somos levados a reconhecer que a obra *América Latina: males de origem*, foi uma inovação historiográfica, pois é a partir dessa obra que Manoel Bomfim inconformado com a visão que os europeus tinham sobre os povos neo-ibéricos, ira propor uma explicação racional sobre o atraso do continente. Bomfim desmistificou e ao mesmo combateu todas as teorias raciológicas, que serviam para justificar a inferioridade dos povos neo-ibéricos. O sergipano foi além dessas teorias, pois compreendeu que o atraso desses povos, ou seja, os “males de origem” provinham do modelo de colonização portuguesa, e também pelos interesses locais dos dirigentes brasileiros, e não pelas suas incapacidades mentais e físicas. Para Manoel Bomfim, os meios mais adequados e cabíveis para se curar os males de origem estavam na educação.

Vinte e três anos depois Manoel Bomfim ira escrever *O Brasil na América*. Nesta obra Bomfim procura caracterizar o processo histórico da colônia à independência, demonstrando que a expressão América Latina nada tinha a ver com a realidade deste continente, pois cada país tinha sua própria forma de se organizar tanto quanto político, cultural, social e economicamente.

Então a expressão América Latina era equivocada, pois o que existe eram diferentes nações neo-ibéricas, na diferença de tradições. Na variedade da colonização, no maior ou menor aproveitamento das qualidades naturais nas direções e perspectivas históricas, nas diferenças essenciais de valor. (BOMFIM, 1929 p196)

O outro livro da série é o *Brasil na História* de 1930, nele Manoel Bomfim irá produzir uma critica voraz a historiografia brasileira, demonstrando que a história era escrita somente para satisfazer as vontades dos dominantes e que historiadores como Varnhagem eram verdadeiros “profetas do engano”, pois escreviam uma história factual e anacrônica pensando somente em interesses particulares. Para Bomfim toda a história se reduz as contendas de tradições, sem perder, com isso seu papel superior de fazer a confiança da nação nos próprios destinos, desta forma, o sergipano propôs a substituição desta história feita sobre encomenda por uma historiografia capaz de

resgatar a tradição nacional que fora aviltada e deturpada por historiadores que estavam a serviço do trono e contra o Brasil. Historiadores estes a que ele se referia como de “anotadores de historias”, ou de “profetas do egoísmo e da rapinagem”.

O *Brasil Nação* publicado em 1931 demonstra a exploração bragantina desde 1808 até 1889 com o período Republicano no Brasil. Para o intelectual sergipano o Brasil possui sim os dons essenciais para ser uma nação, tais como espírito de união, solidariedade patriótica, cordialidade nas relações internas. Porém o que contaminou a nação foram os Braganças, que se imigraram e instalaram no Brasil implantando assim uma forma de governar pautada na mentira e no engano, e isto acabou por se tornar uma tradição herdada pelos nossos políticos.

Administração incapaz e perdulária, infame quanto arguto, incapazes e corruptos quanto interesse fazer qualquer coisa: política de ineptos e desbriados, desmoralizando-nos em face com o mundo que pensa e que trabalha fingindo estar piamente grotescamente, uma fisionomia que não é nossa, quando desfrutar de situação que não soubemos prepara pretendendo ser o que não somos, nem nos convém ser, sem saber, menos o que somos, nem o que, de fato, os convém (BOMFIM, 1931 p 53).

Manoel Bomfim rejeitou plenamente que o atraso do Brasil estava em nossa constituição mestiça de negros, e índios, pois para ele o atraso era uma questão histórica resulte da colonização portuguesa que se instalou aqui de forma parasitária. Sobre este assunto nos diz Jose Carlos Reis, reproduzindo de forma quase que literal uma assertiva do sergipano “*Mas, derrotada e anulada politicamente por Portugal, a nação brasileira foi carne viva para a “varejeira lusitana”*”. (REIS, 2006, p. 196- 197). Segundo Reis a política de Portugal tinha como interesse apenas explorar de forma exacerbada toda a riqueza do Brasil. Para Manoel Bomfim o estado português é o maior parasita que se instalou no Brasil. Veja o que diz a autora Flora Sussekind, sobre o estado português.

“Órgão de opressão” a serviço da metrópole, caracteriza-se o estado como “inimigo” e “espoliador”. Tem por função, no regime colonial “apenas, cobrar e coagir e punir aqueles que se neguem a pagar ao governo centralizador, absolutista, monopolizador”. (SUSSEKIND, 1984, p.42).

A partir das palavras da autora, percebemos que o estado era o maior inimigo da nação brasileira, pois todas as funções exercidas por ele estavam contra os interesses da sociedade de forma geral. Além do mais o estado português sugou toda fonte de riqueza existente no Brasil, deixando o país em ruínas. O que nos parece é que a forma de

parasitismo do estado português foi contagioso e crônico. Sussekind, continua nos dizendo o seguinte desse estado.

Emancipa-se a nação, proclama-se a república, mas “o Estado, em si, permanece qual era”. Parasita a nação primeiro em benefício da metrópole, depois em prol daqueles que passaram a dominar os destinos do país, tanto interna quanto externamente. (SUSSEKIND, 1984, p. 42).

Segundo o depoimento de Sussekind, podemos chegar à conclusão de que o parasita que se encontra no estado português é de fato contagioso e crônico, pois aqui instalado contaminou a nação brasileira, e essa contaminação perdura até os dias atuais, onde o estado brasileiro serve como parasita para a classe dominante explorar o povo. Para Bomfim o remédio mais viável, para se curar esse parasita que permanece no estado, é a educação, porém o maior responsável pelo desenvolvimento desse remédio seria o próprio estado, isso nos deixa com um ar de pessimismo, pois ele nunca teve a preocupação em resolver os interesses do povo, e não será agora que isto ira acontecer. Assim, “*Subordinado ao parasitismo, o Estado hipertrofiou-se e distanciou dos verdadeiros interesses nacionais*”. (AGUIAR, 1999, p. 313).

Especificamente na obra O Brasil Nação, Manoel Bomfim irá interpretar a situação política do Brasil propondo como solução para a superação de nossos males de origem uma revolução nacionalista nos moldes mexicanos, ou seja, uma revolução popular onde os trabalhadores assumiriam o poder destruindo assim as antigas castas políticas dos Braganças.

Até os dias atuais podemos diagnosticar sem muito trabalho que ainda persiste, sobretudo, nos livros didáticos, uma produção historiográfica, patriótica monarquista, elitista e dogmático, seu objetivo principal consiste em alienar a população brasileira em relação aos mecanismos de dominação do estado, gerando o que podemos chamar de conformismo. É esta mentalidade que o poder público através da história pretendia e pretende impregnar nas mentes e no comportamento da população brasileira “somos independentes” temos “governantes que zelam pelo bem comum da nação”; conquistamos essa posição através dos atos de “bravura” dos nossos “heróis nacionais”, como: Pedro Álvares Cabral, Dom João VI, Dom Pedro I, Tiradentes entre outros, ou seja, mera falácia distorcida e ilusória.

E quanto à situação de discriminação, e exploração dos negros em relação a sua cor, não importam afinal eles são leigos, sem cultura, e devem trabalhar para manter o resto da população. Muito embora, hoje possa parecer esdrúxula, era esta a concepção da sociedade, que vários intelectuais, e políticos tinham em relação à organização social do Brasil, no século XIX e primeiras décadas do século XX. E a história seria este veículo homogenizador, e massificador que o estado utilizaria para legitimar suas ideologias de conservação e manutenção do poder.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi o aparelho utilizado pelo estado para difundir seus ideais de dominação e exploração da sociedade, e um dos principais historiadores que contribuíram diretamente para a disseminação de tais ideais foi aquele a quem Bomfim chamou de “*o menos humanos dos homens*”. Francisco Adolfo Vanrhagem, que durante toda a sua vida foi um defensor incansável da dominação e colonização portuguesa no Brasil, ele era contra toda e qualquer revolução que viesse ameaçar o estado português na figura de Dom Pedro II, seu amigo e admirador.

Segundo Franklin de Oliveira todos os historiadores de Vanrhagem a Gilberto Freyre, passando inclusive por Euclides da Cunha viram o Brasil com a ótica fornecida por outros países. “E a alienação dos historiadores, é segundo ele talvez a pior de todas, pois ela induz à desfiguração total do país e do povo”. Contrariando esta premissa Manoel Bomfim ira produzir uma análise da história do Brasil fugindo das regras, existentes em sua época: Os negros, o racismo científico, o mecanismo de conservação do estado, bem como vários erros na interpretação da história do Brasil, tal como a independência foram diagnosticados e de certa forma denunciados por Bomfim em seu livro *América Latina Males de Origem*. É por esta razão e por outras que este intelectual foi esquecido, pois ele se posicionava na contra corrente da produção historiográfica brasileira.

Ronaldo Conde Aguiar, um de seus maiores interpretes e um dos grandes responsáveis pela renovação do debate entorno das idéias do sergipano afirma que Bomfim contestou um sistema de verdade de uma época, ou seja, ele interpretou o seu tempo e vislumbrou os mesmos problemas que os homens de sua época, mas ele elegeu protagonistas diferentes para a sua história, substituindo o estado e as elites pelo povo, o racismo e o determinismo climático e biológico pela formação histórico social desigual.

Em suma, não é como alguns comentadores afirmam que ele conseguiu pensar o impensável, dizer o indizível, sua análise tem como ponto de partida questões que eram comuns a todos os intelectuais, mas a sua perspectiva de interpretação histórica é que se distingui das demais, fazendo de suas análises uma especificidade revolucionária em meio a um mar de conservadorismo.

O conceito que Manoel Bomfim tinha de história não se resume, segundo Aguiar, ao simples registro cronológico dos fatos. Bomfim entendia a história como um processo social contínuo. Daí origina sua consideração de que o futuro da nação brasileira já estava “*delineado*” no seu passado, nas etapas anteriores da sua formação, pois todas elas foram marcadas por tensões e lutas entre dominadores e dominados. Segundo ele as nações mais poderosas constroem a história de acordo com os seus interesses, cabendo aos dominados um papel subalterno ou passivo no transcorrer dos acontecimentos. “A deturpação se faz para proveito dos que já têm grandeza histórica, em detrimento dos menores, para maior afronto dos vencidos e dominados” (BOMFIM, 1996).

Diante de todas estas mazelas existentes na produção historiográfica brasileira Bomfim dizia que era necessário passar a limpo a historiografia brasileira, livrando-a de todas as visões mistificadoras, que procuravam utilizar da história como um veículo de dominação das massas. No livro *América Latina Males de Origem*, Manoel Bomfim demonstra a discriminação social imposta aos negros, e mestiços em relação a sua cor, julgando-os como atrasados e inferiores. Para Bomfim o problema não é apenas de cor, mas sim, fruto da colonização portuguesa que aqui se instalaram como verdadeiros parasitas, procurando sugar todas as riquezas existentes na colônia, numa relação de parasitas e parasitados. E os negros e mestiços foram um mecanismo utilizado pelos Braganças para efetivar esta dominação.

Isto para a época foi algo inovador, pois tínhamos uma produção historiográfica que marginalizava o papel do negro e do mestiço na sociedade brasileira. Silvio Romero escreveu vários artigos procurando desconstruir o pensamento de Bomfim chamando-o pejorativamente até de “manuelzinho”.

Segundo Nietzsche

“Se todo grande homem chegar a ser considerado, acima de tudo, precisamente como filho autêntico do seu tempo e, em todo o caso sofre de todas as suas mazelas, com força maior e mais sensibilidade do que todos os homens menores, então o combate de um tal grande contra seu tempo é ao que parece,

apenas um combate sem sentido e destrutivo contra si mesmo. Mas justamente apenas ao que parece, pois o que ele combate em seu tempo é aquilo que o impede de ser grande e isto para ele significa apenas: ser livre e inteiramente ele mesmo (NIETZSCHE, Apud AGUIAR, p 34).

Manoel Bomfim combateu as teorias racistas, e monarquistas que viam o Brasil como um país atrasado e inferior povoado por negros, mestiços e mamelucos, por esta razão o intelectual sergipano foi esquecido, como diz Nietzsche se tornou “pequeno” para sua época, pois o que ele combatia o impediu de se tornar “grande”.

Bomfim sempre foi discreto em suas ações procurando se manter a margem das instituições que pretendiam legitimar o poder do estado. Ele foi convidado para fazer parte do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma entidade que proporcionava destaque social para quem fizesse parte de tal órgão. Como Manoel Bomfim não era de acordo com a forma de produção historiográfica realizada por tal instituição não aceitou tal proposta, que para muitos seria irrecusável. Se não bastasse, o Médico Sergipano também foi intimado pessoalmente por Machado de Assis para fazer parte da Academia Brasileira de Letras, como um dos primeiros quarentas imortais, no entanto não aceitou. Manoel Bomfim procurava sempre se manter coerente em sua forma de pensar e atuar na sociedade brasileira, caso contrário seus escritos entrariam em contradição com o seu modo de agir, pois compartilhava da idéia de que uma característica importante em um escritor é a teoria estar em consonância com suas ações.

Esta breve exposição de alguns elementos da obra do intelectual sergipano serve como amostra da autenticidade e da atualidade da reflexão historiográfica desde autor “rebelde”. Esquecido pelos seus contemporâneos, desconhecido de grande parte dos estudantes de história e mal compreendido por muitos em nosso campo de atuação profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Ronaldo Conde. **O Rebelde Esquecido: Tempo Vida e Obra de Manoel Bomfim**. Rio de Janeiro: Topbooks 1999.

ARRUDA, José Jobson, TENGARRINHA José Manoel: **Historiografia luso-brasileira contemporânea**, Bauru, SP EDUS 1999.

BOMFIM, Manoel: **A América Latina: Males de origem** 3 ed. Rio de Janeiro; Topbooks 1993

_____: **O Brasil na América: Característica da formação brasileira** 2 Ed- Rio de Janeiro Topbooks 1997

_____. **Brasil Nação: realidade da soberania nacional** 2 ed.- Rio de Janeiro: Topbooks 1996.

CORETH, Emerich: **Questões fundamentais de hermenêutica**: Tradução; Carlos Lopes de Matos. São Paulo, Epu, Ed da Universidade de São Paulo, 1973.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. **Nação e Civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1988 p 5 a 27.

IGLESIAS, Francisco: **Os historiadores do Brasil. Capítulos de historiografia brasileira**- Ed Nova Fronteira –Rio de Janeiro 2000

REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil 2**: de Calmon a Bomfim. 2ª edição. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SUSSEKIND, Flora. **História e Dependência**: Cultura e Sociedade em Manoel Bomfim. São Paulo: Moderna, 1984.

SCHWARZ, Moritz Lilia: *Os Institutos Históricos e Geográficos “Guardiões da História oficial*. In **O espetáculo das raças: Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil**. São Paulo: Campanha das letras 1993. MARTINS, Estevão Chaves de Rezende. **Historicismo, Tese, Legado, Fragilidade**.